

MARCO ANTÔNIO RAMOS

RESENHA



**PAULO
DARZÉ**

G A L E R I A



UMA RESENHA

ALEJANDRA MUÑOZ

Dar forma às frustrações ou expurgar ressentimentos através do processo artístico seria um caminho terapêutico. Mas, ateliê não é divã e Marco Antônio não entende suas vivências como patologia. Pelo contrário, ele tira da espessura das ausências, das omissões e das carências, um lastro conceitual para suas criações que articulam imaginários mais amplos e referências comuns à maioria de nós. Assim, o lúdico coletivo e o testemunhal subjetivo se entrelaçam na difícil equação da memória do artista: um passado recheado de incompletudes e um futuro atravessado por

expectativas truncadas. O olhar pelo retrovisor da vida dá lugar a um roteiro surreal de criação. Então, como primeira mostra individual, esta mostra não é retrospectiva, mas resenha a produção recente do artista.

O ponto de partida é um gesto ético contemporâneo, o reaproveitamento, o reconhecimento das potências simbólicas de materiais ainda úteis. Madeira, metal ou papel, quase sempre oriundos de demolições de velhos edifícios, garimpos de sucata ou resquícios de peças esvaziadas dos valores representativos de outrora, explicitam uma concretude de existências ignoradas. Então, tais materiais são, além da expressão da resistência física e mineral, um modo de resiliência e de reinvenção que subjaz à obsolescência e impermanência daqueles objetos aos quais pertenceram.

O casal de imbuia assinala uma presença enigmática no espaço: duas figuras torneadas, que evocam a tradição do mobiliário baiano, parecem ter pulado do acervo do Museu Costa Pinto ao outro lado da rua. O acabamento polido e liso das peças enaltece a memória da vida pregressa que cada matéria carrega, ao mesmo tempo que veicula a possibilidade

de um novo objeto. Entretanto, o trabalho artesanal paciente e as superfícies reluzentes não são suficientes para que os objetos funcionem: pipas de aço não voam, bolas de mármore quase não rolam, chuteiras de imbuia não podem ser calçadas, o ioiô não desenrola, o banco de cumaru não é macio, o bate-bate de ipê é aflitivamente impossível de ser jogado. Portanto, o paradoxo devém uma metáfora instigante para o trabalho artístico.



Como costuma acontecer no inconsciente onírico, a memória pode aflorar gerando imagens de objetos distorcidos. Os estudos incompletos, a formação profissional não alcançada, o desejo de jogador de futebol não

realizado, os laços familiares ausentes são fatos que também passam por um reaproveitamento, uma nova utilização, tal como foram resgatados aqueles materiais remanescentes de outras trajetórias. O resultado é uma tensão significativa entre arte e design além do fazer artesanal da marcenaria: são objetos sedutores em sua forma cuidadosa que, deslocados da escala e contexto conhecidos, desafiam a lógica em sua impossibilidade funcional e subvertem o que se espera deles.

O grande carretel de vinhático, alusivo à mãe costureira, expõe a tensão com uma meia lâmina de barbear em aço inox, que simboliza a outras ausências. A dimensão ampliada da instalação lembra as operações de escala de Oldenburg. Mas também foi com esses carretéis que Marco Antônio fazia carrinhos de brinquedo. Uma homenagem à infância? Talvez. Essa ambiguidade também está presente nas pequenas carteiras de jacarandá. O painel parece evocar as pedagogias tradicionais e suscitar inquietações sobre os rumos do ensino atual. Sua escala reduzida é uma metáfora da educação no mundo de hoje? Mais do que nostalgia do ensino incompleto pelo artista, a insistência no detalhe e na singularidade de cada elemento, são alertas sobre alteridade? Na proximidade dessas



peças, o quadro preto da escola vira um campo de futebol. Então, quantos aprendizados há fora da escola? A moldura kaminagai do quadro verde pode remeter à relevância do alternativo e do não formalizado na construção das trajetórias artísticas.

Nesse instigante contexto de subversões e ambiguidades, o velho livro esvaziado pode ser um calhamaço de possibilidades em aberto em lugar do despojamento literal de imagens de um passado fragmentário. Portanto, esta resenha pode ser apreciada como promessa de novas criações. Que assim seja.



Carretel Patrol

Madeira de reúso, vinhático e ipê, chapa de aço inox 4 mm, e corda marítima de poliéster

60 x 230 x 100 cm

2023



Casal

Escultura de madeira
200 x 20 cm cada
2022





Papagaio

Chapa de aço carbono 2 mm

90 x 66 cm

2018



Papagaio

Chapa de aço carbono 3 mm e verga de ferro

96 x 58 x 9 cm

2018



Papagaio

Chapa de aço carbono
2 mm e verga de ferro

100 x 50 cm

2018





Bate-bate

Escultura em ipê,
jacarandá e corda
de poliéster

135 x 45 x 22 cm

2018



Cadeiras estudantis

Escultura em madeira

12 x 7 x 9 cm cada



loiô oitenta

Madeira de reúso, ipê, compensado naval laminado de jacarandá e corda de poliéster

Medidas variáveis





Que chute forte

Escultura em madeira imbuia

25 x 32 cm base de ipê

2023



Me viu e nem deu bola

Escultura em moldura de jacarandá, espelho bisotado, ipê e imbuia

Edição: 1/3

60 x 60 x 15 cm

2020



Livro de ouro sem imagens analógicas

Objeto, couro e celulose

20 x 25 cm

2018



Apaga dor

madeira (pinho) e feltro

20 x 20 cm

2023





Banco reserva

Madeira de reúso,
cumarú

45 x 330 x 30 cm

2023





Marco Antonio Ramos

Trabalha e vive em Salvador

2021

SP Arte – Festival Internacional de São Paulo (Paulo Darzé Galeria)
– São Paulo/SP

2016

Artconceito – 524 luas – Almanaque de artistas – Salvador/BA

2014

Salões Regionais de Artes Visuais da Bahia – Paulo Afonso/BA

2014

Salões Regionais de Artes Visuais da Bahia – Camaçari/BA

2014

Aliança Francesa Circuito das Artes – Salvador/BA

2012

Gravura versus Gravura ACBEU – Salvador/BA

2011

Salões Regionais de Artes Visuais da Bahia – Valença/BA

2010

Artconceito IV ACBEU – Salvador/BA

2009

Circuito das Artes 2009, Museu Carlos Costa Pinto – Salvador/BA

2008

Artconceito III ACBEU – Salvador/BA

2007

BASE Centro Cultural Yazigí– Aracaju/SE

2006

Art For Today Galeria do Conselho – Salvador/BA

2006

VIII Bienal do Rencôcavo – São Félix/BA

2006

Artconceito II Galeria Solar do Ferrão – Salvador/BA

2006

Artconceito I ACBEU – Salvador/BA

2005

SSA 456 Um olhar contemporâneo sobre Salvador-Galeria da cidade, teatro Gregório de Matos – Salvador/BA

2003

II Bienal de gravura da Paraíba – João Pessoa/PB

2003

Mostra de xilogravura galeria Moacir Moreno Teatro XVIII – Salvador/BA

Obras em acervo

Associação Cultural Brasil Estados Unidos, ACBEU e Ipac Galeria Solar do Ferrão

Prêmio

Menção Honrosa – Salões Regionais de Artes Visuais da Bahia/Valença



Organização

Thais Darzé
Paulo Darzé

Produção Executiva

Cica Lima

Texto

Alejandra Muñoz

Projeto Gráfico do catálogo

P55 Edição

Fotografias das obras

Márcio Lima

Divulgação

Claudius Portugal

Abertura: 27 de abril de 2023

www.paulodarzegaleria.com.br

 @paulodarzegaleria

Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8.
Corredor da Vitória - Salvador, Bahia

55 71 3267.0930 / 99918-6205